

Investidor externo espera aprovação no Congresso

Getúlio Bittencourt
de Nova York

O anúncio do pacote fiscal não produziu impactos positivos nos mercados internacionais. Os investidores externos vêm o ajuste econômico do Brasil como um processo, que começa com o anúncio, segue com a aprovação no Congresso Nacional, e continua com a implementação, o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), e financiamentos do Fundo e outras fontes. Por isso o preço do C-Bond, título da dívida externa brasileira, que abriu a 62,375 centavos por dólar fechou ontem em queda a 59,5 centavos por dólar.

Mesmo quem elogiou o pacote, como James Upton, estrategista de mercados do Crédit Suisse First Boston, nota que a cautela dos investidores deve-se à expectativa sobre a reação do Congresso. O raciocínio dos investidores é parecido com o do ministro da Fazenda, Pedro Malan, para quem os eventos se desdobram numa série de passos.

Parte da reação negativa veio da informação extra-oficial de que saíram líquidos do País ontem mais US\$ 1 bilhão. O aumento na saída líquida é sazonal, porque reflete os pagamentos das últimas rolagens de captações externas por seis meses, autorizadas pelo Banco Central no final de abril último, e a antecipação de câmbios devido ao feriado de segunda-feira próxima no Brasil.

Mas parte da postura dos investidores deriva da experiência de vários deles com o último anúncio de medidas fiscais do governo brasileiro, em novembro de 1997, logo após

o agravamento da crise asiática. Nenhuma das medidas prometidas foi implementada, devido a fortes resistências políticas.

Há poucas semanas, quando um analista de um grande banco dos EUA levou um grupo de investidores internacionais para conversar com Francisco Lopes, diretor do Banco Central, e queixou-se da falta de consequência daquele ajuste anunciado, ouviu a seguinte explicação: "Você levou aquele pacote a sério? Não era para valer."

O mesmo aconteceu com os ADR brasileiros listados na Bolsa de Nova York. A Telebrás, que alcançou um pico de US\$ 81,4375 na quinta-feira passada, abriu ontem a US\$ 74,25, chegou a subir para US\$ 77,5625, mas fechou a US\$ 69,625%. Um rumor divulgado aqui pela cadeia de televisão CNBC diz que o governo brasileiro comprou ações no Brasil para evitar que os papéis despencassem.

O ADR do Unibanco, que chegou a US\$ 19,25 também na quinta-feira passada, ontem bateu em US\$ 14,87, uma queda de 9,51% em relação ao dia anterior, bem mais que os 6,54% perdidos pela Telebrás. O ADR da Aracruz Celulose, que alcançou um pico recente de US\$ 9,5625 na última quarta-feira, estava ontem a US\$ 8,31, perda de 3,72% em relação ao dia anterior. O ADR do Pão de Açúcar caiu 4,2%.

As especulações de que o Brasil ainda poderá desvalorizar o real continuou ontem. Mas o vice-chairman da Goldman Sachs, Robert D. Hormats, disse que o País poderá manter o valor de sua moeda, com a implementação do plano de ajuste. ■